



O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO APOSENTADO: LIÇÕES DE VIDA À HUMANIDADE

Ernani Lampert¹

RESUMO: A presente investigação, de cunho exploratório, teve como objetivo estudar alguns aspectos da vida dos professores universitários aposentados (motivo da aposentadoria, condições de vida, benefícios/desvantagens da aposentadoria, sentimentos pessoais, convivência consigo mesmo e com os colegas, cotidiano, prevenção e estado de saúde). Este estudo foi realizado, de 2016 a 2018, por integrante do Grupo de Pesquisa de Políticas Públicas, Ciências & Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande. Numa primeira instância, o autor contextualiza e fundamenta, a partir de estudiosos, a problemática, que, ainda, é pouco explorada na academia. Na caracterização da pesquisa, são descritos a metodologia empregada, os critérios estabelecidos na amostra, que abarcou 24 professores aposentados de dez estados do Brasil, indicados por pares e ou sindicatos de professores. Na análise dos dados, num primeiro momento, para uma compreensão mais acurada do leitor, traça-se um perfil dos docentes envolvidos na amostra. Segue-se com a análise dos dados, tanto quantitativos quanto qualitativos. Como culminância, o autor faz algumas considerações finais, fruto da presente investigação e que possam servir para ulteriores estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Professor universitário aposentado. Universidade. Pesquisa.

THE RETIRED UNIVERSITY PROFESSOR:

LIFE LESSONS TO HUMANITY

ABSTRACT

The present exploratory character investigation had as objective to study some aspects from the retired university professor (retirement reason, life conditions, benefits/disadvantages of the retirement, personal feelings, sociability with himself and with colleagues, daily life, prevention and body health). This study took place in 2016 up till 2018 by a component of the Research

¹ Pós-doutorado em Avaliação Institucional; Doutor em Ciências da Educação. Professor Associado da Universidade Fundação do Rio Grande. Avaliador Institucional e de Cursos – INEP/MEC. E-mail: erncas@bol.com.br



Group of Public Politics, Sciences and Technology from Federal University of Rio Grande. In a first instance, the author makes the argumentation and the problematic justification, which is yet rarely explored in the Academy. In the research process of the characterizing are described the methodology applied, the criterions of truth established in the sample, which concerned to 24 retired professors from ten Brazilian states, indicated by pairs and or by syndicates of professors. In the data analysis, at a first moment, according to a better reader comprehension, to draw the profile of the instructors engaged in the sample is necessary. Then, it follows the quantitative as much as the qualitative data analysis. As a culminating point, the author makes some final reflections, showing the results of this present investigation, in order to serve as guidance to further studies.

KEYWORDS: Retired university professor. University. Research.

CONTEXTUALIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A literatura acadêmica é farta em relação ao assunto professor universitário: formação inicial/continuada, ensino/pesquisa/extensão, formação pedagógica, concepção técnica/política; porém, no que concerne à aposentadoria, a problemática, ainda, carece de aprofundamento e realização de investigações, especificamente no que se refere ao cotidiano dos docentes jubilados que, de uma forma ou outra, continuam ativos, porém, não necessariamente de uma maneira sistemática, ou seja, com registro profissional. Nessa direção, Meira e Leite (2013, p. 13), com o objetivo de conhecer melhor o fenômeno do professor aposentado e regresso à docência, realizaram levantamento de 1999/2009, em programas *stricto sensu* em educação de quatro universidades do Estado de São Paulo. À luz desse trabalho, constatou-se que, de um total de 2.853 teses e dissertações consultadas, apenas duas, uma de mestrado e outra de doutorado, discorriam sobre questões que envolveram professores em final de carreira e aposentados. Uma (dissertação de mestrado) foi realizada no Instituto de Biologia da Unicamp e a outra (tese de doutorado) sobre professores aposentados na Universidade Federal do Espírito Santo. Além dessas investigações, optou-se por analisar outros estudos: Hopf (2002), Amoroso (2008), Ribeiro e Smeha (2009), Moreira (2011).

Este estudo, de caráter exploratório e de cunho quantitativo/qualitativo (LEITE, 2008, p. 96 a 100), objetiva avançar na área de conhecimento em pauta, contribuindo com a academia tanto no que se refere à fundamentação teórica, como para desvendar alguns mitos criados em relação à aposentadoria, tão marcantes na sociedade hodierna: perdas, inutilidade, insegurança,



conflitos internos, deslocamento, improdutividade, mau humor constante, isolamento, solidão, debilidade e doenças físicas e mentais, depressão, insatisfação, problemas financeiros e poucas aspirações e expectativas em relação ao porvir. “Afinal, deixar uma vida permeada pelo dinamismo da sala de aula para assumir uma eventual inatividade pode representar um conflito para quem se acostumou a viver em um ritmo mais acelerado” (MEIRA e LEITE, 2013, p.141). Em sinopse, este trabalho aspira conhecer o cotidiano dos professores universitários que, após a aposentadoria, não necessariamente optaram por continuar atuando com novo contrato de trabalho, no ensino superior, porém, além do lazer, envolvem-se, comumente, em atividades acadêmicas e ou outras tarefas de cunho variado, incluindo o voluntariado.

Amoroso (2008) realizou pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que objetivou identificar, entre os docentes do Ensino Superior e da Educação Básica do Distrito Federal, motivações e expectativas para permanecer na profissão, após a aposentadoria, e possíveis fatores que influenciaram a não permanência desses professores no exercício da profissão. Participaram, como sujeitos, 60 docentes das duas etapas de ensino. Foi evidenciado que há um grande interesse entre a maioria dos professores na continuidade na profissão, após a aposentadoria, excetuando-se os professores da Rede Pública de Educação Básica, pois esta apresenta dificuldades, impostas, comumente, pelo próprio sistema. A expectativa está, numa primeira instância, na garantia da manutenção da saúde física e mental e a motivação está na relação discente/docente, que se caracteriza pela constante troca. A satisfação com a profissão também é apontada pelos profissionais da educação, bem como a possibilidade de sentirem-se úteis. Cinquenta e nove por cento dos docentes da educação superior declaram que a profissão docente é gratificante. A grande maioria pensa que tem muito a contribuir, além da questão de educação permanente.

Ribeiro e Smeha (2009, p.179-194) realizaram uma investigação, de cunho qualitativo, no Estado do Rio Grande do Sul, sobre a permanência do professor universitário aposentado no exercício de sua profissão. Objetivaram compreender os motivos que levam o docente aposentado a continuar na docência. A população era constituída de oito docentes aposentados, na esfera federal, e que exercem suas atividades em instituição privada. Os docentes apontaram a satisfação, a capacidade física e mental, a realização em poder transmitir o seu legado e a contribuição na formação dos novos profissionais como os principais motivos de sua permanência na docência. No que concerne à remuneração financeira, segundo os professores,



não é fator significativo entre as motivações que levam o docente universitário aposentado a permanecer na prática profissional. Os objetivos dos docentes representam a preservação da saúde, o intelecto ativo e a contribuição à formação de outrem, além do acréscimo no seu saldo bancário para concretizar alguns sonhos. Buscam o reconhecimento profissional e se utilizam de suas potencialidades para recriarem novas formas de lidar adequadamente com os obstáculos decorrentes do exercício profissional, para atender as demandas e exigências do contexto universitário.

Moreira (2011, P. 541-550), em seu trabalho “Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários, ” reflete sobre os imaginários desses docentes em relação à velhice e aos sentidos do trabalho e sobre como esses elementos podem influenciar sua relação com a aposentadoria. Na investigação foram entrevistados seis docentes: três mulheres de 61,63 e 88 anos e três homens de 67,73 e 80 anos. Utilizando-se da Teoria dos Fatores PUSH/PULL, que é um recurso utilizado para pensar duas possibilidades no mesmo evento, ou seja, a possibilidade legal da aposentadoria, a saber, decisão de encerrar o vínculo empregatício e a escolha de continuar na ativa profissional, após 60 anos de idade.

A posição sobre aposentadoria, como encerramento de vínculo empregatícios, está estreitamente vinculada aos imaginários sobre a velhice e aos significados do trabalho. Todos os professores entrevistados sentem a velhice como perda. O forte imaginário negativo em relação a velhice, associado à vinculação do trabalho como o mais importante elemento definidor da identidade, coloca aposentadoria, se entendida como não trabalho, como expressão da incapacidade. (MOREIRA, 2011, p. 549).

CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Esta investigação, de cunho exploratório, teve como objetivo estudar alguns aspectos da vida dos professores universitários aposentados (motivo da aposentadoria, condições de vida, benefícios/desvantagens da aposentadoria, sentimentos pessoais, convivência consigo mesmo e com os colegas, cotidiano e prevenção e estado de saúde). O estudo foi realizado entre 2016 e 2018, por integrante do Grupo de Pesquisa de Políticas Públicas, Ciências & Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande. A população foi constituída de professores de



universidades brasileiras, abarcando os diferentes estados do território brasileiro. Optou-se, como critérios para seleção da amostra, por: a) tipologia administrativa da instituição: federal, estadual e privada; b) porte das IES: grande, média e pequena; c) localização: diferentes estados; d) cidades: capitais, cidades grandes, médias e pequenas; e) atuação de diferentes áreas do conhecimento (humanas, duras); f) época: aposentadorias em diferentes décadas; g) sexo: feminino e masculino; h) faixa etária (50 e acima de 80 anos); i) escolaridade: formação em programas *scripto sensu*.

A amostra, indicada por pares e por meio dos sindicatos de professores, abarcou 24 professores aposentados dos estados: Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, sendo 80% doutores, 20% mestres; 70% mulheres e 30% homens. Cabe frisar, como geralmente é prático em pesquisas, que um pequeno percentual de docentes indicados por sindicatos respondeu ao questionário. Além do questionário, instrumento básico, em determinados casos, foi realizada entrevista complementar com os professores para completar e ou detalhar informações. Convém salientar que, numa primeira instância, analisaram-se os Currículos Lattes de 50% dos docentes, para conhecer um pouco a sua trajetória profissional enquanto na ativa, pois “[...] há a possibilidade de se conhecer um pouco mais quem são os pesquisadores, sua produção científica ao longo de sua carreira e também a sua formação e ligação institucional” (LEHFELD, 2007, p. 75).

É oportuno frisar, baseado em Ludwig (2015, p. 66), que quem utiliza o questionário, e é capaz de compreender as perguntas formuladas pelo pesquisador, pressupõe que o informante é uma fonte competente, que fornecerá as informações com boa vontade.

ANÁLISE DOS DADOS

As respostas objetivas do questionário foram transportadas para a planilha “lótus” e analisadas estatisticamente pelo Pacote SPSS For Windows, pois este procedimento possibilita a quantificação dos dados. As respostas subjetivas foram categorizadas, observando-se a frequência e o contexto no qual o participante está inserido. Os dados da entrevista (presencial ou via *whatsapp*), foi procedimento utilizado em, aproximadamente, dez casos, com o intuito de esclarecimento e ou complementação de informações. À luz de Canzoniere (2011, p. 38) a



pesquisa qualitativa busca entender o contexto em que o fenômeno ocorre. Sua pretensão é compreender, em níveis aprofundados, o que se refere ao homem, como indivíduo, ou membro de um grupo ou sociedade.

Quanto ao perfil dos sujeitos envolvidos na investigação, no que se refere ao estado civil, 50 % são solteiros, 35% casados e 15% separados ou divorciados. Cerca de 60% não têm filhos nem dependentes. Quando têm filhos, a média oscila entre 1 e 3. No que concerne à idade, a grande maioria (75%) está situada na faixa etária de 66 a 80 anos. Alguns docentes estão entre 50 e 60 anos de idade, recentemente jubilados. Cinquenta por cento são aposentados por instituição federal; 35% por IES privada e 15% em universidade estadual, sendo que a grande maioria (85%) tem tempo superior a 21 anos de trabalho na educação superior. Setenta por cento atuavam nas humanidades, sendo que alguns docentes, além da docência, extensão e pesquisa, exerceram atividades administrativas (coordenador de curso, diretor, chefe de departamento e pró-reitor).

As disciplinas lecionadas são variadas: Astrologia de Sistemas Planetários, Astronomia de Posição, Clínica Geral, Didática do Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Epidemiologia, Explorando o Universo, Filosofia, Física Geral, Fundamentos da Educação Infantil, História da América e do Brasil, Introdução à Economia, Legislação Brasileira, Metodologia da Pesquisa, Pedagogia Empresarial, Peri odontologia, Planejamento Educacional, Planejamento Estratégico, Políticas Educacionais, Probabilidade e Estatística, Projetos Interdisciplinares, Química Avançada, Química Inorgânica, Relações Étnico Raciais, Sociologia. Quanto à carga horária, com exceção de três docentes que se aposentaram como horistas, 62% têm dedicação exclusiva e 26%, com quarenta horas. Vinte e cinco por cento se aposentaram, antes de 2003; 25%, entre 2004 e 2009 e 50% depois de 2010. Com exceção de três professores, todos os demais se aposentaram por terem completado o tempo mínimo exigido. O valor da aposentadoria varia conforme a tipologia da instituição e a carga horária do docente.

O salário dos professores, aposentados integralmente pelas IES públicas (federais e estaduais), comumente, com dedicação exclusiva, oscila entre 8.000,00 e 15.000,00; o dos docentes das instituições particulares, grosso modo, está entre 3.000 e 5.000,00. Quatro docentes sinalizam salário superior a 15.000,00 mensais. Além da aposentadoria na educação superior, aproximadamente, 60% possuem outra aposentadoria por órgão público (município,



estado) e por instituição particular. Muitos dos aposentados, em IES privadas, possuem aposentadoria complementar e outra fonte, o que aumenta significativamente os seus rendimentos. Alguns complementam a receita com outros ganhos (aluguel de imóveis, participação em bancas, atividades de pesquisa, de docência e aplicação em fundos de investimentos). Setenta por cento afirmam que auxiliam financeiramente a família, por meio de diferentes formas. Algumas verbalizações mostram a diversidade dessa ajuda “quando há necessidade de completar a renda familiar”, “cuidados relacionadas com a saúde da mãe”, “depósitos mensais”, “contribuição mensal”, “Plano de Previdência Social”, “pagamento de psicólogo”, “pagamento de estudos, de viagens e de cursos”.

Em relação aos motivos pelos quais solicitaram a aposentadoria, há uma grande gama de razões. Algumas, de cunho pessoal, outras, por questões profissionais, legais, ideológicas e de influência cultural. Eis algumas verbalizações de docentes que comprovam a afirmativa: “Necessidade de descansar e tratamento de saúde” (professor de Universidade Estadual de Santa Catarina) ”. “Tempo completo/compulsória, desejo de liberdade, ver-me livre das obrigações” (docente IES privada, Estado de Minas Gerais). ” “Desejo de viver a minha vida normal, dar lugar de trabalho para outros, sair antes de ficar ineficiente” (docente de Universidade Federal do Rio Grande do Sul). ” “Desejava aproveitar a vida, curtir família e amigos, viajar, ter liberdade, estar livre de qualquer compromisso” (docente de Universidade Federal do Espírito Santo). “Pressão e pressão. Produção desenfreada, preenchimento e qualificação do Currículo Lattes. Parecia que estava em uma empresa que só me via com fins lucrativos, contando o que produzia. Era estressante demais” (docente de Universidade Estadual da Bahia). “No meu Departamento havia uma única linha de pensamento, uma ideologia esquerdista. Quem não seguia esta concepção, era rejeitado, perseguido e isolado. Não tinha mais como me manter equilibrada e trabalhando, apesar de gostar do que fazia” (docente de Universidade Federal do Estado do Paraná).

Completei o tempo. Eu queria também não atuar mais como professor, apenas em temas relacionados à pesquisa. A forma da mídia tratar a aposentadoria e eventuais reformas, paridades etc. me geraram pressões muito desconfortáveis durante 2016 e começo de 2017, e me impulsionaram também à aposentadoria. O fato de ter agora a agenda não pontuada de compromissos, às vezes ao mesmo tempo em distintas partes, foi também um grande alívio. (Docente de Universidade Federal do RS).



É oportuno salientar que muitos desses professores, atualmente, integram Comissões de Avaliação Institucional e de Curso do INEP/MEC; atuam em pesquisas, com apoio de órgão de fomento; em bancas examinadoras (especialização, mestrado, doutorado); bancas de concurso público de provimento de cargo; são orientadores em programas *stricto sensu*; em atividades ligadas à Educação a Distância (coordenador, tutor, professor orientador, elaborador e revisor de conteúdo). Essas atividades acadêmicas são realizadas no sentido de manter-se ligado à educação e, em alguns casos, também como forma de complementação da remuneração. Colussi e outros (2014, p. 68) são de parecer que “[...] dessa forma, entende-se que continuar trabalhando, bem como centrar o foco nos benefícios obtidos pelo contrato de trabalho na aposentadoria, constituiu-se numa estratégia de retardar as limitações e perda da identidade”. Por sua vez, Moreira (2011, p. 549) afirma que ... “[...] a aposentadoria é atraente se pensada como um benefício, e não como encerramento das atividades profissionais”.

Quanto aos sentimentos, quando se aposentaram, as expressões “[..] tranquilidade, liberdade, expectativas de realizar novas experiências, sensação de missão cumprida, euforia e expectativas em relação ao futuro, euforia e expectativa de vida nova, sensação de conforto e de dever realizado e satisfação plena” são algumas das falas dos sujeitos. Seguindo essa linha de pensamento, Hopf (2002, p. 89) alerta sobre o clima de insegurança quanto à “interrupção” da rotina. A aposentadoria pode gerar situações preocupantes que vão interferir na imagem do professor, provocando novos medos de uma mudança em que ele não gosta de pensar; porém, infere que todos os docentes sujeitos em sua investigação manifestaram que o sentimento que predominou em relação à sua carreira foi o de satisfação. Uma professora, recentemente aposentada, afirma “Ainda não me acostumei com a rotina de não ter rotina. Cada dia faço alguma coisa diferente, viajo e isso às vezes me incomoda, às vezes me alegra” (docente de Universidade privada do RN). Alguns dos docentes salientam a importância de a universidade preparar os docentes para a aposentadoria e de terem vida cultural ativa para poder enfrentar a nova realidade. Nessa direção, Ribeiro e Smeha (2009, p. 183) fazem alusão a que muitos docentes têm no trabalho a sua própria vida, que ele ocupa praticamente todo o seu tempo diário, tornando-se a sua identidade. Quando se aposentam, não estão preparados para se assumirem como seres humanos, com o direito ao lazer e ao ócio, como recompensa pelos anos trabalhados. Meira e Leite (2013, p. 139) são de parecer que “[...] vivenciar a aposentadoria não constitui



uma tarefa fácil, por causa dos estigmas vinculados a essa etapa da vida, a qual demanda preparação e reflexão prévias. ”

Alegria por poder dispor livremente do meu tempo, escolher as atividades estar com pessoas queridas, estar em casa com os meus, sensação de dever cumprido, de ter auxiliado muitas pessoas e ter encontrado muitas alegrias no meu caminho, enquanto professora. Sou muito feliz por ter logrado muito. (Docente de Universidade Estadual da BA).

Em relação à indagação “se consegue viver com a remuneração da aposentadoria”, a maioria (55%), dos aposentados “por paridade e integralidade”, conforme a Federação de Sindicatos de Professores das Instituições Federais (2013, p. 7 e 8), afirmam que vivem de maneira adequada, sem grandes exageros. Três afirmam que conseguem viver excelentemente bem. Outros (30%) salientam que, se não fosse outras aposentadorias, pensões, aposentadoria complementar e trabalhos complementares, não conseguiriam viver dignamente. As expressões dos docentes sinalizam essas dificuldades: “Se não fosse a consultoria e as avaliações do INEP/MEC estaria no maior aperto” (docente de Universidade Particular do MS).

O milagre sempre acontece. Vivo tranquilo nos limites e condições mínimas do salário. Não dou grandes voos como gostaria, por exemplo, viagens e cursos enriquecedores”. Há os que preferem continuar o trabalho, de forma sistemática, como possibilidade de melhor as condições e a qualidade de vida. “ Não consigo, se fosse necessário teria que cortar muitas regalias, inclusive as viagens fora do País” (fala docente de Universidade Particular do MS).

Os professores arrolam uma vasta gama de benefícios que a aposentadoria traz: liberdade para executar quase que exclusivamente atividades prazerosas, sentimento de liberdade, tempo para cuidar dos filhos, tempo livre para leituras, viagens, caminhadas, calma, ausência de pressão dos compromissos, descompromissos de horários, ausência de estresse, tempo para criar coisas novas e estabilidade. “Saúde mental, alegria de viver bem sem preocupações. Não há mais a preocupação de estar constantemente estudando para manter-me atualizada, produzindo intelectualmente e contribuindo com os trabalhos de orientandos, enfim fiquei fora das pressões da academia”. (Docente de Universidade Privada do Estado do Rio Grande do Sul).

Em contrapartida, as desvantagens apontadas pelos professores, quanto à aposentadoria, são de diferentes ordens. Cerca de 50% salientam que não há desvantagem nenhuma.



Nenhuma porque sigo trabalhando e viajando. Recentemente fiquei três meses em Boston passeando e estudando “English”. Uma experiência incrível que vai se repetir muitas vezes. Agora, estou planejando ir para a Finlândia, conhecer o Sistema Educacional que está despontando como o primeiro país do mundo em transdisciplinaridade. (Docente de Universidade Particular do RS).

Sinceramente não vejo desvantagens, pois leio o que quero, continuo com contato com ex-colegas e amigos e vou com mais frequência a minha ex-instituição, onde deixei muitos amigos. Ainda, por me dar prazer participar de festinhas no ambiente em que vivi boa parte de minha vida, que foi a minha segunda casa por 34 anos. (Professora de Universidade Particular do RS).

Os professores aposentados por IES particulares enfatizam a diminuição do salário, paulatinamente. A ausência de uma avaliação do seu desempenho intelectual após aposentado; a ausência de compromisso com tarefas e horários; a falta de contato com profissionais; o descompromisso de atualização; a falta de contato com alunos e a falta de poder fazer mais diferença na vida dos outros são algumas das desvantagens arroladas por docentes. Outra docente alerta sobre a necessidade de ocupar o tempo disponível e a importância de a universidade preparar os docentes para a aposentadoria e de ter vida cultural ativa para poder enfrentar essa nova realidade. Esta tese, também, tem seu respaldo nas investigações realizadas por Franca e Soares (2009, p. 8) e Silva e Rodrigues (2016, p. 121) que enfatizam a importância da preparação para a aposentadoria, como sendo um recurso a ser disponibilizado pelas organizações, desde que garanta a oportunidade de livre escolha.

A aposentadoria quando não se faz nada de produtivo, exige do indivíduo superação constante, no sentido de se atualizar, ler, estar a par das notícias locais, estaduais e internacionais, saber emitir opinião sobre os mais diferentes assuntos, acompanhar a evolução da juventude, apresentar-se bem e saber conviver com os seus e com a comunidade que lhe é próxima. Acho isso. (Fala de docente da Universidade Federal do RS).

Quanto ao cotidiano, há um grupo, que não tem mais vínculo direto com a academia, dedicando-se mais à família, às atividades culturais e à prevenção da saúde. São usadas expressões como “[...] livre para passear, viajar, viver a vida, caminhar, frequentar a academia e a clínica de estética, fazer Pilates, reunir-se com ex-colegas, frequentar cinema, peças teatrais, concertos musicais e fazer leituras.” Em estudo sobre as percepções e memórias de um grupo de professores universitários aposentados, os autores afirmam que, para a maioria dos participantes da pesquisa,



[...] o esforço centrou-se em reinventar o cotidiano sem compromissos inerentes ao trabalho. Lazer, trabalho voluntário, viagens, dedicação à família, passaram a ocupar e dar sentido a vida pós-aposentadoria”. “[...] Cada um, ao seu jeito, redimensionou sua vida. Como protagonistas de suas histórias a aposentadoria segue uma trajetória ora bem-sucedida, ora em construção (COLUSSI et al, 2014, p. 73 e 74).

Por outro prisma, há um grupo significativo de 50% que continuam diretamente ligados à educação, por meio de vínculo empregatício, ou não, e realizam diferentes atividades: - orientar discentes e participar de bancas em programas *stricto sensu*; - realizar avaliação periódica de curso e avaliação institucional (INEP/MEC); - elaborar material didático; - participar de pesquisas e redigir artigos científicos. “Ainda trabalho muito em pesquisa, e-mails. etc. Vou uma vez por semana à universidade para assistir a um seminário, e discutir pesquisa com colegas e estudantes.” (Retórica de professor da Universidade Federal do RS).

Bem, posso dizer que continuo na ativa, uma, por integrar a comissão de avaliação de curso e institucional INEP/MEC, o que tem nos exigido um número significativo de visitas no Brasil e, por fazer parte de editoriais de revistas, analisando e emitindo parecer a artigos, por ser convidada, esporadicamente, para ministrar aulas e, por fim, por produzir artigos para revistas especializadas. (Discurso de docente da Universidade Federal do RS).

Hoje vivo batendo na tecla de sonho, apesar da pouca valorização do aposentado. Dedico-me a educação de crianças em situação de vulnerabilidade na periferia da cidade. Tenho uma escola de 150 crianças de 04 meses a 6 anos. São crianças pobres cujos pais contribuem com dez reais mensais, quando podem, e recebo uma verba da FUNDEB por cabeça de criança. Dizem que em 2020 essa verba será extinta. Estão sob minha responsabilidade 20 funcionários e professores. Saio todos os dias pela manhã e à tarde faço serviço burocrático. Ainda sobra tempo para minhas leituras. (Fala de docente da Universidade Particular de MG).

Há os que se dedicam exclusivamente a trabalhos voluntários.

Trabalho como professora voluntária de crianças e jovens da Associação Movimento Solidário, entidade que fundamos na periferia, menos de dois anos após a aposentadoria... é muito respeitado na cidade e vem conseguindo alcançar seus objetivos principais: promover a educação e melhorar a qualidade de vida das famílias integrantes do projeto, moradoras do bairro. (Discurso de professora de Universidade Federal RS).

Trabalhei 35 anos no campo da educação. Passei por todos os níveis de ensino. Aposentei-me em IES federal. Tive uma trajetória de êxito (ensino, pesquisa, extensão e administração) com produção científica relevante nacional e internacional. Aposentei-me, mesmo gostando do ofício, para deixar o lugar



para os recém-formados, muitas vezes otimamente preparados. Optei em retribuir à sociedade os inúmeros benefícios que logrei ao longo dos anos. Atuo em cinco diferentes áreas, ajudando as pessoas menos favorecidas e me doando. Em Centro Espírita, aplico passes. Sou coordenador do Programa Amor Exigente, onde consigo ajudar as famílias de dependentes químicos; sou voluntário do CVV, onde, com empatia, ouço as outras pessoas. Coordeno um grupo de convivência no meu bairro (terapia grupal) e ajudo sistematicamente aos moradores de rua. (Interlocução de docente da Universidade Estadual de SP).

Em relação aos sentimentos, depois da aposentadoria, praticamente, há unanimidade entre os docentes sobre os sentimentos de alegria, de realização, de dever cumprido e de liberdade. Os recentemente aposentados, comumente, estão se adaptando à nova realidade. Há uma professora que registra sentir saudades do ambiente acadêmico. Todos afirmam que conseguem conviver muito bem consigo mesmos, aceitando limitações, alterações de humor, os sintomas de doenças ocasionais e os desafios diários; porém, sempre apostando no futuro com muita esperança. Para SUBIRANA (2011, p. 15), viver sem medo e plenamente aumenta a qualidade de vida e nos torna mais felizes. “Minha vida é uma dialética entre tristezas e alegrias, cansaço físico e mental e luta no cotidiano. (Verbalização de docente de Universidade Particular de MG). Quanto às relações interpessoais com os colegas, 75% conseguem manter, física e ou virtualmente, contato com “alguns” ex-colegas do trabalho, comumente os mais próximos.

No que tange às questões de prevenção e de saúde, com exceção de duas docentes, as mais jovens da amostra, todos os demais realizam, sistematicamente, revisões médicas. “Envelhecimento saudável é a habilidade de minimizar os fatores de risco e manter um bom nível de atividade física e mental, além de um envolvimento ativo como a vida em geral (ABRAMOFF, 2017, p.27). Quarenta por cento não têm nenhum problema de saúde que mereça acompanhamento. “Graças a Deus nenhuma. Cuido muito da minha saúde física, emocional e espiritual. Sou muito alegre. É o segredo de tudo. ” (Fala de docente de Universidade Privada do RS). Entre as doenças diagnosticadas pelos sujeitos, aparecem a obesidade, a diabetes, a pressão alta, problemas cardíacos, labirintite crônica e refluxo gástrico. Um docente registra já ter feito cirurgia cardíaca, há anos, e tratamento de um câncer nasolaríngeo, com 6.900 horas de radioterapia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da análise dos currículos Lattes de docentes, é possível inferir que a maioria, enquanto no exercício profissional, teve uma trajetória de excelência, no que concerne à tríade: ensino, pesquisa e extensão. Muitos com atuação em programas *stricto sensu*, orientaram uma vasta gama de dissertações e teses, além de participarem de projetos de pesquisa fomentados por órgãos nacionais e internacionais. Outros, com publicações em periódicos conceituados nacional e internacionalmente. Muitos, com uma infinidade de livros publicados. Há casos em que o docente esteve engajado em programas de convênios internacionais na área do ensino, da pesquisa e de extensão (América, Europa e Ásia). Há, também, os que exerceram altos cargos administrativos na academia. Alguns estão atuando em atividades EAD, como conteudistas, revisores, tutores e coordenadores de cursos.

Observa-se que as trajetórias, após aposentadoria, não apresentam homogeneidade, pois cada docente tem suas peculiaridades, seus desejos, aspirações, anseios, medos e expectativas. Alguns optaram, por necessidade e ou vontade, de forma sistemática, continuar inseridos em atividades acadêmicas, como uma forma de se manterem ativos, atualizados e produtivos. Dessa forma, optaram por se engajar em pesquisas, em publicações, em orientações e até atividades de ensino, pois reconhecem que, na política neoliberal, a produção é condição. Nessa linha de pensamento, Lampert (2015, p. 78) enfatiza que o produtivismo acadêmico é controlado, geralmente, por avaliações externas e também internas. Está mais presente nos docentes, geralmente, que atuam em programas *stricto sensu*. A necessidade de produzir para pontuar é condição indispensável, pois a CAPES e o CNPq moldam as práticas docentes e, quando não atendem os requisitos mínimos, muitas vezes são marginalizados e não servindo de referencial à Instituição, nem ao sistema.

Por outro prisma, há os que deixaram a academia e optaram por aproveitar a aposentadoria para viver plenamente, realizando atividades, comumente prazerosas, que não conseguiram realizar, enquanto na ativa. Preocupam-se com a saúde espiritual, emocional e física. Nesse sentido, ocupam seu tempo diário com programas culturais, leituras, atividades físicas, recreativas, viagens nacionais e internacionais, para conhecer um pouco do mundo e do seu próprio mundo. Há os que se dedicam à família, cuidando de seus filhos e de pessoas idosas. Há os que se preocupam com a preservação do meio ambiente, que está ameaçado, e se dedicam



a ela (BOFF, 2009, p.70). Todos, de uma ou outra forma, mantêm-se ativos, produtivos e esperançosos, segundo sua ótica e concepção de vida. O importante é que conseguem satisfazer seus desejos, aspirações e expectativas, observando as limitações físicas que a faixa etária estabelece.

Um grupo reduzido de docentes optou, como voluntários, por ajudar, nas diferentes modalidades, aos “necessitados e marginalizados pela sociedade” com o imperativo de, quem sabe, auxiliar na mutação do contexto político, econômico, social, educacional e cultural da sociedade hodierna. Neste perfil, há uma variada gama de atividades que os docentes realizam, com o objetivo de atender aspectos físicos, emocionais, espirituais, educacionais, culturais e políticos de uma clientela que abarca todas as faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos). É oportuno fazer alusão a que, por um ângulo, comumente os maiores beneficiados são os próprios voluntários, os quais, muitas vezes, por alguma carência, ou sentido religioso e ou mesmo desejo de ajudar o próximo se dedicam a essas causas nobres. Por outro prisma, a política neoliberal imposta a, praticamente, todos os países, recolhe pesados impostos dos cidadãos; porém, com exceções, pouco ou quase nada retribui em benefícios sociais e assistência aos contribuintes. Dessa forma, para amenizar esse hiato, são criadas as ONGS, que, na maioria das vezes, colaboram na valorização da vida; porém, em determinadas situações, são uma forma de desvio de verbas públicas e de corrupção.

Cabe ressaltar que estamos falando de um universo de professores que iniciou, em sua grande maioria, suas atividades profissionais, nas décadas 70 e 80 – onde existia emprego e cujas IES, existentes na época – em número bastante reduzido – investiam pesado na formação e valorização de seus docentes. Mestres e doutores eram disputados, pois priorizava-se a qualidade em detrimento da quantidade. Atualmente, com algumas raras exceções, a educação superior deixou de ser patrimônio cultural para ser um negócio com fins lucrativos. Há uma grande infinidade de graduados, de mestres e de doutores à espera da inserção no mercado de trabalho. Indaga-se, à luz da política neoliberal, se isto acontecerá a curto, médio ou longo prazo, ou não acontecerá. Com as sucessivas mudanças nas leis da Previdência Social, os atuais e futuros docentes universitários se aposentarão no porvir?



REFERÊNCIAS

ABRAMOFF, Sérgio. **Rejuvenecer**: a saúde como prioridade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

AMOROSO, Sônia Regina Basili. **Motivações e expectativas de docentes face à aposentadoria**: elementos para uma política de formação continuada. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008, 124 f

BOFF, Leonardo. **A opção terra**: a solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro, Record, 2009.

CANZONIERI, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde**. 2. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

COLUSSI, Eliane Lúcia et al. Docentes universitários e aposentadoria; uma experiência de velhice bem-sucedida? **Pajar**, v.2 n. 2 p. 67-74, 2014.

FRANCA, Lúcia Helena de Freitas; SOARES, DULCE Helena Penna. Preparação para a aposentadoria como parte ao longo da vida. Brasília, **Psicologia, Ciência e Professor**. V. 29, n. 4, 2009.

FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. **A aposentadoria dos professores das IFES: ontem, hoje e amanhã**. Porto Alegre, Verdeperto Editora, 2013.

HOPF, Ana Claudia Oliveira. FICOU OU VOU EMBORA? Os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. Maringá, **Revista de Educação Física/UEM**, v.13, n.2, p. 89-96, 2002.

LAMPERT, Ernani. O professor de educação superior no Mercosul: desafios e perspectivas. **Universidade e Sociedade**, v. 24, n. 55, p.76-85, fev. 2015.

LEHFELD, Neide. **Metodologia e conhecimento científico**: horizontes virtuais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

LEITE, Francisco Tarciso. **Método científico**: métodos e técnicas de pesquisa (monografias, dissertações, teses e livros). 3. Ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática da metodologia científica**. 3.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

MEIRA, Vanessa Ribeiro Andreto; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Professores aposentados**: quais os motivos para seu retorno à docência? São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.



Revista FACISA *ON-LINE*. Barra do Garças – MT, vol.7, n.1, p. 01- 16, jan. - jul. 2018.
(ISSN 2238-8524)

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.16, n.4, p. 541-560, out/dez. 2011.

RIBEIRO, Leda Jurema Borba; SMEHA, Luciane Najar. **O que me leva a continuar?** Permanência do professor universitário aposentado no exercício de sua profissão. Santa Maria, v.10, n.1, p.179-194, 2009.

SILVA, Rodrigo Sinnott; RODRIGUES, Nerielen Dourado. Saúde emocional: a importância de planejar a aposentadoria. Campo Grande, **Ensaio e Ciência, Ciência Biológica, Agrária e de Saúde**, v. 20, n.2, 116-121, 2016.

SUBIRAMA, Miriam. **Atreva-se a viver: medo, coragem e plenitude**. Petrópolis; Vozes, 2011.